

O QUE É UMA BOA AULA? ANÁLISE DISCURSIVA DE UM TUTORIAL PARA CRIAÇÃO DE UMA AULA *ONLINE*

*WHAT IS A GOOD LESSON? DISCOURSIIVE ANALYSIS OF
A TUTORIAL FOR CREATING AN ONLINE LESSON*

Ana Carolina Cortez Noronha
Universidade de São Paulo/USP
anacnoronha@yahoo.com

Resumo: Buscando jogar alguma luz sobre como se concebe a transmissão do conhecimento e a construção do saber nas escolas no Brasil no início do século XXI, fizemos uma análise discursiva de planos de aula disponíveis online em um site do MEC, que foi parte de nossa pesquisa de doutorado (defendido em dezembro de 2020). Entendemos que os planos de aula trazem, em um texto, a concepção do professor do que seja uma aula, bem como seu fazer interpretativo sobre os documentos legais que regem a educação brasileira e seu fazer persuasivo sobre dois sujeitos: o professor destinatário do plano de aula e os alunos, destinatários da aula. Trazem também a concepção de aula do Ministério da Educação que, ao aprovar as aulas que foram disponibilizadas em seu site, permite que apreendamos suas considerações sobre elas. Para essas análises, utilizamo-nos da teoria semiótica discursiva, apoiando-nos mais fortemente em Diana Luz Pessoa de Barros (2001), José Luiz Fiorin (2002), Greimas (2014 [1980]) e no Dicionário de Semiótica, de Greimas e Courtés (s/d [1979]). Este artigo, que apresenta parte de nossa tese, traz uma análise do tutorial “Como criar uma aula”, do site Portal do Professor, do MEC, de 2008, que ensina como se deve fazer uma aula para que seja publicada no Portal. Nosso objetivo, a partir dessa análise, foi apreender o que se entende como uma “boa aula”, objeto de valor buscado pelo sujeito que vai até esse site atrás de um plano de aula.

Palavras-chave: semiótica discursiva, semiótica e educação, plano de aula.

Abstract: Seeking to shed some light on how the transmission of knowledge and the construction of knowledge are conceived in schools in Brazil at the beginning of the 21st century, we conducted a discourse analysis of lesson plans available online on a MEC website, which was part of our doctoral research (defended in December 2020). We understand that lesson plans bring, in a text, the teacher’s conception of what a lesson is, as well as his interpretative work on the legal documents that govern Brazilian education and his persuasive work on two subjects: the teacher who is the addressee of the lesson plan and the students, addressees of the lesson. They also bring the class conception of the Ministry of Education that, by approving the classes that were made available on its website, allows us to apprehend its considerations about them. For these analyses, we use discourse semiotic theory, relying more strongly on Diana Luz Pessoa de Barros (2001), José Luiz Fiorin (2002), Greimas (2014 [1980]) and the Dictionary of Semiotics, by Greimas and

Courtés (s/d [1979]). This article, which presents part of our thesis, brings an analysis of the tutorial “How to create a class”, from MEC’s Portal do Professor (Teacher’s Portal), from 2008, which teaches how to create a class to be published in the Portal. Our goal, based on this analysis, was to understand what is understood as a “good lesson”, an object of value sought by the subject that goes to this site after a lesson plan.

Keywords: discursive semiotics, semiotics and education, class plan

1. Introdução

Em nossa pesquisa de doutorado (NORONHA, 2020), buscamos jogar alguma luz sobre como se concebe a transmissão do conhecimento e a construção do saber nas escolas no Brasil no início do século XXI, o que foi feito por meio da análise discursiva de planos de aula disponíveis online em um site do MEC. Entendemos que os planos de aula trazem, em um texto, a concepção do professor do que seja uma aula, bem como seu fazer interpretativo dos documentos legais que regem a educação brasileira e seu fazer persuasivo sobre dois sujeitos: o professor destinatário do plano de aula e os alunos, destinatários da aula. Trazem também a concepção de aula do Ministério da Educação que, ao aprovar as aulas que foram disponibilizadas em seu *site*, permite que apreendamos suas considerações sobre elas. Para essas análises, utilizamo-nos da teoria semiótica discursiva, apoiando-nos mais fortemente em Diana Luz Pessoa de Barros (2001), José Luiz Fiorin (2002), em Greimas (2014 [1980]) e no Dicionário de Semiótica, de Greimas e Courtés (s/d [1979]).

Ao olharmos para a narratividade do plano de aula, tem-se um sujeito, buscando entrar em conjunção com um saber, o *saber fazer* uma aula. Tem-se, portanto, que a aula seja o objeto de valor buscado pelo sujeito nesse percurso. Uma indagação que surgiu, a partir de então, foi o que seria uma “boa aula”, esse objeto de valor eufórico para esse sujeito que, para nós, mostra um pouco de como se transmite o conhecimento e constrói o saber na escola, ajudando-nos a responder uma pequena parte da questão maior que nos propusemos a investigar.

A partir disso, fomos buscar, no site¹ de onde tiramos nosso corpus², o tutorial que ensina o professor (ou algum outro ator do universo educativo) a fazer um plano de aula para ser publicado. Essa aula, feita conforme as instruções dadas (trata-se, portanto, de um texto que se insere no gênero manual de instrução), será suficientemente boa para que seja aprovada pela equipe do ministério e disponibilizada online. Desse modo, compreende-se que esse tutorial ensina a construir essa “boa aula” conforme os valores do MEC.

Este artigo apresenta uma análise, utilizando o ferramental teórico e metodológico da semiótica discursiva, do tutorial “Como criar uma aula”, do site Portal do Professor, do

1. Trata-se do site Portal do Professor – www.portaldoprofessor.mec.gov.br –, construído pelo Ministério da Educação em 2008 com o objetivo de ser um suporte para o professor planejar aulas que incluíssem o uso de novas tecnologias, conforme se pedia nos PCN de 1998. O site teve seu auge entre 2009 e 2012 e em 2015, quando iniciamos nossa pesquisa, contava com mais de quinze mil planos de aula de diversas disciplinas e para todos os níveis de ensino (fundamental, médio e EJA). A partir de 2016 quase não se viu nele mais atualizações, mas ele continua no ar e, no nosso entendimento, continua a ser pertinente por trazer concepções de aula advindas do MEC.

2. Dentre as aulas publicadas no Portal do Professor, nosso *corpus* constituiu-se por aulas de Língua Portuguesa, anos finais do Ensino Fundamental, segundo critérios de mais relevantes, mais comentadas etc., a partir de filtros do próprio site. Foram selecionados dez planos de aula, dos quais sete foram analisados discursivamente.

MEC (2008), com o objetivo de, a partir dessa análise, apreender o que se entende como uma “boa aula”, objeto de valor buscado pelo sujeito que vai até esse *site* atrás de um plano de aula. Essa análise faz parte de nossa tese de doutoramento, defendida em dezembro de 2020 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

2. O Tutorial de como criar uma aula no Portal do Professor

No *site* Portal do Professor, para se criar uma aula para ser publicada no Portal, há uma página que traz instruções que, além de estarem disponíveis na página, podem ser baixadas como um documento em formato pdf. Nessa página³ informa-se que é possível criar aulas individuais e em equipe, e se traz a seguinte informação:

[...] criar uma sugestão de aula significa descrever a metodologia utilizada pelo professor no desenvolvimento de um tema do currículo: seu planejamento didático, as atividades e os recursos multimídia que podem ser utilizados.

Há, aqui, uma primeira definição do que seja criar uma sugestão⁴ (ou plano) de aula: descrição dos métodos que o professor utiliza para abordar um tema do currículo, sendo que dentro desses métodos estão o planejamento, as atividades e os recursos multimídia utilizados. Importante notar que se colocam recursos multimídia lado a lado com planejamento didático e atividades, o que lhes atribui equivalência de importância. Isso poderia causar um certo estranhamento, não fosse pelo fato de este ser um portal que, embora nem sempre enuncie isso explicitamente, dedica-se à disseminação do uso de tecnologias da informação como ferramenta de ensino, como colocado pelos PCN⁵ como objetivo. Analisaremos aqui o documento pdf que pode ser baixado a partir dessa página e que contém as instruções.

3. Sobre a narrativa

Antes, cabe pensarmos no percurso narrativo do tutorial para se fazer um plano de aula. Primeiramente, olha-se quem são o sujeito e o objeto que aparecem em relação. Um sujeito só existe sintática e semanticamente em relação transitiva com um objeto, e vice-versa. Um objeto, por sua vez, ao receber investimentos de projetos do sujeito, torna-se um *objeto valor*. Os valores que haviam sido colocados na semântica fundamental, neste caso uma oposição entre o ignorar, disfórico, e o saber, eufórico, serão atualizados para o nível narrativo onde aparecem como transformações de um sujeito sobre um objeto ou sobre outro sujeito e nas quais os objetos ganham valor. “Para criar uma sugestão de aula é necessário que você já tenha se cadastrado no Portal do Professor e esteja logado.” (p.

3. <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/criarAulaOpcoes.html>. Acesso em: abril de 2018.

4. No *site*, os planos de aula são chamados sugestões de aula, o que acentua nele uma característica de maior abertura e uma maior ligação com a modalidade do querer do que do dever.

5. Parâmetros Curriculares Nacionais. Os planos de aula com os quais trabalhamos são todos anteriores a 2017, quando foi publicada a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que, de certo modo, substituiu os PCN. Por isso, são utilizados como referência os Parâmetros em vez da Base.

2)⁶ Tem-se um sujeito [que *quer* criar uma aula] em disjunção com um objeto [*saber* criar uma aula no portal] e que busca entrar em conjunção com ele, ou seja, ele busca uma transformação, de disjunto de seu objeto para conjunto com ele. Tem-se também um outro sujeito, ao qual se chama destinador, que irá atuar sobre o primeiro sujeito para que essa transformação aconteça.

O conjunto de programas narrativos é chamado de percurso narrativo. Na economia da organização da narratividade, tem-se três percursos narrativos distintos: a manipulação, em que um destinador-manipulador competencializa um sujeito para um fazer; a ação, em que esse sujeito faz; e a sanção, em que um destinador-julgador sanciona o fazer desse sujeito.

Na manipulação, um destinador irá dotar o sujeito de uma competência. No tutorial, um destinador doa o seu *saber fazer* para um destinatário que, depois, terá competência para *fazer* (ou realizar sua performance). A parte do percurso narrativo da qual se ocupa o tutorial é, portanto, a primeira, a da competencialização do sujeito. As outras duas fases, subsequentes, a performance e a sanção, estão implícitas por pressuposição.

4. Análise do tutorial “Como criar uma aula?”

Ao se iniciar o cadastro de uma aula, aparece na tela um guia chamado “Orientações para a criação de uma aula”, introduzido pelo seguinte aviso: “Leia com atenção cada item. A garantia de publicação da sua aula dependerá do atendimento a todos esses requisitos.” O cabeçalho desse guia contém a mesma informação, de que a aula só será publicada caso atenda a todos os requisitos ali propostos. A estratégia discursiva utilizada nessa primeira instrução é uma debreagem enunciativa, um diálogo de um *eu* que se dirige a um *tu*: “Para que **sua** aula seja publicada no Portal...”. Os requisitos aparecem em seguida em forma de uma lista de itens cuja tônica deôntica é evidenciada pela predominância de construções do tipo “a aula deverá”, “os objetivos precisam”, “as atividades deverão” e assim por diante. Instaura-se, assim, uma prescrição do enunciador sobre o enunciatário, um *dever fazer* explicitado tanto na estratégia discursiva escolhida quanto na escolha dos verbos que denotam obrigação.

Essa lista apresenta quatro blocos de informações. No primeiro, pede-se que os objetivos estejam relacionados ao título e às estratégias e avaliação, que a aula tenha uma visão interdisciplinar do tema e que, se possível, seja indicado mais de um nível de ensino ou modalidade. Há nessas três solicitações um traço comum de um pedido de estabelecimento de relações: entre título e estratégias e avaliação, entre disciplinas e entre níveis de ensino. Isso atende aos PCN que demandam que o trabalho em sala de aula não seja estanque e fragmentado, mas sim integrado. Também demonstram uma preocupação com o conjunto da aula, para que ela represente uma totalidade coesa.

O segundo bloco refere-se às atividades a serem desenvolvidas na aula. Pede-se que as atividades contenham toda a orientação necessária ao aluno e que orientem o trabalho que o aluno irá realizar, que não sejam apenas expositivas, que suscitem debates, troca de informação, resolução de problemas, estimulem polêmica e curiosidade entre os

6. Frase retirada do tutorial “Como criar uma aula?”, disponível em http://portaldoprofessor.mec.gov.br/pdf/tut/tutorial_como_criar_uma_aula.pdf, acesso em maio de 2020.

alunos. Ao pedir que não sejam aulas apenas expositivas, o Portal está dialogando com as tendências mais contemporâneas de aula que solicitam afastamento do método tradicional de exposição dos conteúdos pelo professor⁷. Esse traço de contemporaneidade, de inserção da escola em um tempo novo, perpassa várias solicitações para a aula e não apenas essa primeira página que aparece no tutorial.

O terceiro bloco de orientações refere-se exclusivamente aos recursos multimídia e questões ligadas à tecnologia, reforçando a necessidade de sua presença nas aulas. E o quarto bloco funciona como um pedido de revisão do conteúdo da aula, uma solicitação de acabamento: que se verifique se não houve plágio, que as fontes das imagens sejam citadas, que o texto esteja revisado, formatado e ilustrado etc.

Resumindo, essa primeira página, que se diz uma lista imprescindível de requisitos a serem atendidos para que a aula possa ser publicada, pede criatividade e cuidado com a aula, que ela não seja convencional e seja bem feita, que desperte nos alunos vontade de aprender (por meio da curiosidade e da polêmica, ou da resolução de problemas). Em um primeiro momento, portanto, o MEC pede que a aula saia do convencional e que aborde um tema de modo interdisciplinar, quebrando as barreiras estanques que são percebidas tradicionalmente entre as disciplinas. Trata-se de um pedido de aulas adaptadas ao momento histórico de profusão de uso da *internet* como fonte de conhecimento e da integração entre os saberes de diferentes áreas.

Trata-se, também, de uma demanda explícita para que a aula se configure como uma narrativa em que um destinador professor exerça o seu fazer persuasivo sobre um destinatário aluno, construindo essa persuasão sobre elementos de integração e de relação dos alunos entre eles e entre a escola e a sociedade.

A estrutura da aula é dividida em partes: (i) autoria, (ii) estrutura curricular, (iii) dados da aula, (iv) estratégias e recursos e (v) avaliação. Para cada uma delas há uma aba na parte superior da tela, que se pinta de cor diferente se o indivíduo estiver trabalhando ou se já tiver trabalhado nela. Junto com o nome dessa parte da aula estão avisos: “você está aqui” na cor laranja, “preenchido” na cor verde, e aparecem na cor azul escuro, sem nenhuma inscrição adicional, as abas ainda por preencher. Se o preenchimento estiver incompleto, a aba é vermelha e há um aviso sobre isso. A organização, portanto, mescla o visual com o verbal e mostra-se bem marcada, conforme se pode notar na figura 1 – e há de positivo nisso o fato de o tutorial mostrar, na prática, a organização que solicita para a aula aprovada.

7. O tipo de aula que se solicita no tutorial é a que desloca o centro das atenções do professor para o aluno.



Figura 1 - Organização do Tutorial de criação de aula.

Para (i) autoria, é necessário o preenchimento do nome do autor e da instituição a que ele se vincula. Na (ii) estrutura curricular, escolhe-se o nível de ensino (fundamental, médio ou educação de jovens e adultos – EJA), o componente curricular (português, matemática, biologia...) e o tema, também a ser selecionado de uma lista. Podem ser selecionadas mais de uma opção para cada uma dessas estruturas curriculares – o que é desejável, segundo esse tutorial. A seguir vem a seção “Dados da aula” (iii), na qual devem ser informados: título da aula, objetivos, duração, conhecimentos prévios trabalhados com os alunos e palavras-chave. Para o título, é dada a seguinte instrução:

Seja criativo na escolha do tema. Verifique também as sugestões de aulas já publicadas no Portal, observando se o tema escolhido por você já não foi exaustivamente proposto. Priorize temas ainda não abordados por outros professores.

Como já havíamos observado, a criatividade é um traço valorizado positivamente e, aqui, opõe-se à repetição (de temas). Em outras palavras, o Portal pede que não se faça “mais do mesmo”, mostrando a valorização eufórica de um conjunto cujos elementos sejam diversos.

A subseção que traz os objetivos tem um nome que explicita sua finalidade: “O que o aluno pode aprender com esta aula”. O tutorial pede “Pense em objetivos claros e centrados nos alunos, com relação direta com as estratégias e avaliação da aula.” Explicita-se o valor positivo para clareza e relação com as outras partes da aula e, novamente, a necessidade da centralidade no aluno.

Depois apresentam-se a subseção “Duração da aula”, cujo padrão mais comum parece ser a de 50 minutos, a seção onde se devem informar os conhecimentos prévios trabalhados com os alunos, quais os conceitos ou assuntos de que os alunos precisam para compreender ou aprender o que é proposto pela aula e, por fim, as palavras-chave, que “permitirão que sua aula seja localizada por outros professores”. A possibilidade de localização por palavras-chave é também um valor eufórico, uma vez que esse recurso, na *internet*, é o que faz um objeto ser localizado dentro do conjunto de objetos afins.

A seção seguinte, “Estratégias e recursos” (iv), é aquela na qual se mostra como a aula será desenvolvida. A página que a contém mostra-se dividida em três campos. Um superior, do meio para cima, e um inferior subdividido em dois, conforme podemos ver na figura 2, que mostraremos na sequência.

Transcrevemos aqui essa seção do tutorial para que se possa observá-la melhor, pois entendemos ser esse o coração do plano de aula. Na parte superior, a seção inicia-se dizendo:

Estratégias e Recursos

Defina o passo a passo de sua ideia de forma clara e objetiva;
Inicie o primeiro passo com uma atividade criativa e motivadora;
Evite propor ao professor a introdução das atividades a partir de questionamentos e perguntas, pois essa não é uma forma inovadora;
Preocupe-se em envolver os alunos mais como atores e agentes do processo do que como ouvintes;
No desenvolvimento das atividades, estabeleça sempre uma relação clara entre o conteúdo e o dia a dia do estudante;
Proponha atividades que possibilitem ao aluno debater, construir, colaborar com outros alunos, registrar e divulgar novos conhecimentos.

Na parte interior, aparece uma figura com o passo a passo do preenchimento das informações no portal, onde se lê:

Estratégias e recursos da aula

Como os alunos poderão atingir os objetivos propostos, por meio de atividades de trocas, as exploratórias, as experimentais, as de comunicação, as interativas, de colaboração e cooperação?
E como o professor vai ativar esse processo: com situações desafiantes, questionamentos, problematizações, agrupando os alunos por interesses comuns, confrontando os diferentes pensamentos dos alunos, refletindo com os alunos os seus posicionamentos?
Que tipo de ferramentas ou recursos tecnológicos poderão ser colocados à disposição dos alunos? Em que momentos da aula?
Os alunos terão acesso às produções dos demais, vão interagir e se autoavaliarem? Depois de terem realizado as atividades o que os alunos farão com esses novos conhecimentos, onde poderão aplicá-los, onde irão divulgar?
A aula poderá privilegiar a inserção dos recursos publicados no Portal para que esta, ao ser baixada, permita o acesso aos recursos em locais sem internet. Para isso, clique no botão “Inserir mídia”.

Ao lado do quadro que contém essas informações, há uma orientação em letras maiores que diz: “Mais importante que o trabalho do professor é a ATIVIDADE do aluno. Na sala de aula ou no laboratório quem trabalha é o aluno. O professor apenas orienta a atividade do aluno.” Enuncia-se aqui, novamente, explicitamente e desta vez com destaque, a centralidade do aluno no processo da aula.

ESTRATÉGIAS E RECURSOS

- Defina o passo a passo da sua ideia de forma clara e objetiva;
- Inicie o primeiro passo com uma atividade criativa e motivadora;
- Evite propor ao professor a introdução das atividades a partir de questionamentos e perguntas, pois essa não é uma forma inovadora;
- Preocupe-se em envolver os alunos mais como atores e agentes do processo do que como ouvintes;
- No desenvolvimento das atividades, estabeleça sempre uma relação clara entre o conteúdo e o dia a dia do estudante;
- Proponha atividades que possibilitem ao aluno debater, construir, colaborar com os outros alunos, registrar e divulgar os novos conhecimentos.

Mais importante que o trabalho do professor é a ATIVIDADE do aluno. Na sala de aula ou no laboratório quem trabalha é o aluno. O professor apenas orienta a atividade do aluno.

COMO CRIAR UMA AULA **PORTAL DO PROFESSOR 12**

Figura 2 – Seção Estratégias e Recursos do tutorial Como Criar uma Aula, no Portal do Professor.

Nessa seção de estratégias e recursos, localizada na parte de texto na metade superior da tela, a estratégia discursiva é a debreagem enunciativa, com a instauração de um diálogo entre *eu* e *tu*, a utilização de verbos no imperativo, frases curtas, organizadas em itens e linguagem direta, como é característico de manuais de instrução, gênero no qual se encaixa um tutorial. Nomeiam-se professor e aluno ao longo do texto como destinatários do discurso que será produzido, o que reforça a caracterização de aula ao se evocarem os papéis temáticos dos envolvidos nessa situação. Quanto aos nomes e qualidades que aparecem, temos “forma clara e objetiva”, “atividade criativa e inovadora”, “inovadora” (novamente), “relação clara entre o conteúdo e o dia a dia”. Destacam-se as ideias de clareza, inovação, criatividade, objetividade, que trazem temas de foria positiva. E, ainda, reforça-se a ideia de relação, que permeia esse tutorial (e os PCN, como já salientamos).

Na parte que está descrita na metade de baixo da tela, dentro do quadro branco, há, aparentemente, uma pequena alteração na estratégia discursiva. *Eu* e *tu* estão implícitos; quando se diz “como os alunos poderão atingir os objetivos propostos”, pode-se entender “como você irá fazer os alunos atingirem os objetivos propostos?” Assim, continuamos a observar uma debreagem enunciativa, embora não explícita, fato que pode ser confirmado pela observação do tempo da enunciação que permanece, explicitamente, em debreagem enunciativa, com a utilização do futuro do presente, em que o referente é um “agora”. Com exceção do último item, que dá uma instrução sobre a inserção de mídias no Portal, todos os outros são formados por perguntas que parecem fazer o enunciatário, que aqui é o candidato a autor da aula, projetar-se em seu momento de autor da aula para produzi-la de modo a alcançar as ideias colocadas na parte superior da página, que acabamos de enumerar: clareza, inovação, criatividade, relação entre o conteúdo e o dia a dia do aluno.

Como as estratégias e recursos dizem respeito ao desenvolvimento da aula, voltamos nossa atenção aqui para a palavra “atividade” e o que a cerca, como ela é definida nessa seção do tutorial. Para começar, ela está enunciada em caixa alta em uma frase em destaque na parte inferior esquerda dessa página que diz: “Mais importante que o trabalho do professor é a ATIVIDADE do aluno.” Em seguida, diz que “quem trabalha é o aluno”, donde se pode inferir que atividade e trabalho podem, aqui, ser tomados como sinônimos. E, ainda, há uma terceira frase nesse texto em destaque dizendo que “O professor **apenas orienta** a atividade do aluno.” (grifo nosso), o que reforça a centralidade do aluno no desenvolvimento das atividades da aula, cabendo ao professor “apenas” orientar. Como se pode ver na figura que reproduzimos acima, há uma divisão dessa página em três campos. A parte superior é única, e a inferior, subdividida em dois. Na parte superior, o lexema Atividade é acompanhado pelas qualificações “criativa”, “motivadora”, “introdução de forma inovadora”, “desenvolvidas em relação clara entre conteúdo e dia a dia do estudante”, “que possibilita ao aluno debater, construir, colaborar, registrar, divulgar”. Na parte inferior, dentro da figura que reproduz a página do site onde será cadastrada a aula, Atividade está ligada aos adjetivos “de troca”, “exploratórias”, “experimentais”, “de comunicação”, “interativas”, “de colaboração”, “de cooperação”. A primeira característica a ser notada é o grande número de adjetivações que esse lexema recebe, o que mostra sua importância e centralidade nesse ponto do tutorial. Na parte superior, têm-se os traços de criatividade e inovação perpassando esse discurso, e a solicitação de que esses traços estejam ligados ao dia a dia do aluno – o novo e o cotidiano, entendido como aquilo que lhe é familiar, colocados juntos para o aluno nas atividades propostas. Essas atividades devem possibilitar relações ativas com o outro: debate, construção, colaboração, divulgação e registro (dos novos conhecimentos). Reforça-se a relação com o outro, o traço de “em comum” nos enunciados da parte inferior da página: atividades “de comunicação”, “interativas”, “de colaboração”, “de cooperação” – desses quatro adjetivos, três possuem o prefixo “co-”, originário da preposição latina *cum*, de companhia. Acrescentados a eles, a locução adjetiva “de troca”, que traz em si a ideia de relação, e dois adjetivos, “exploratória” e “experimental”, cujo prefixo “ex-” indica movimento para fora, e pode ser interpretado como uma solicitação de que as atividades levem o aluno a movimentar-se para o exterior (de si mesmo? da sala de aula? da escola?) e para o outro, na troca e na interação. Propõem-se, portanto, atividades que transformem a aula em um grande conjunto de alunos ativos, respondendo às demandas da pedagogia de construção conjunta de conhecimento. Há um valor eufórico na relação entre os alunos e na colocação deles como agentes construtores do conhecimento.

Ainda analisando essa mesma página, observemos como se qualifica o papel do professor por meio do que cerca o vocábulo “professor” quando explicitamente enunciado. Na parte superior da tela, “o professor” está enunciado como o destinatário de uma proposição de aula, que, por sua vez, está enunciada negativamente: “Evite propor ao professor...”. Infere-se que “a introdução de atividades a partir de questionamentos e perguntas” seja um modo sempre utilizado para iniciar as atividades e que, para essa aula inovadora e criativa, seja inapropriado. Esse modo insere-se no conjunto do mesmo, da repetição, oposto ao valor eufórico da inovação. Pode-se mesmo dizer que há um tom levemente negativo, de reprovação à prática habitual desse autor da aula ou desse professor – não fica claro quem é que habitualmente propõe perguntas para se iniciar a atividade, se um

ou se o outro, mas pode-se dizer que, em muitos casos, como esses dois papéis temáticos fundem-se em um mesmo ator, entendemos tratar-se tanto de um quanto do outro. Podemos afirmar isso também se nos apoiarmos na quantidade de vezes que, nessa mesma seção do tutorial, aparecem os vocábulos ligados à ideia de inovação e criatividade. Na parte inferior da página, na figura que representa a tela de cadastro da aula, o papel do professor aparece de modo mais positivo, pois ele é quem “ativa esse processo” e age sobre os alunos, agrupando-os, confrontando seus pensamentos ou refletindo com eles. Tem-se aqui um professor mais ativo, mais valorizado positivamente, visto que Atividade, nessa seção, apresenta-se como um lexema de valor eufórico, conforme já analisado. Na terceira divisão da página, a parte que está em destaque, do lado direito, traz um valor associado à figura do professor que poderia ser interpretado tanto positiva quanto negativamente. Uma primeira interpretação dá ao professor valores disfóricos, para que, na outra ponta, o aluno esteja valorizado euforicamente. O professor, nessa parte destacada, é aquele cujo trabalho é menos importante que o do aluno e aquele que “apenas orienta”. Enuncia-se explicitamente “Mais importante que o trabalho do professor é a ATIVIDADE do aluno” que, dito desse modo, explicita uma escala de valores na qual o [trabalho do] professor vale menos que [a atividade de] o aluno. Ao se pensar na construção do enunciado, sempre se pode pensar que ele poderia ter sido feito de outra maneira se não quisesse deixar o professor tão abaixo do aluno nessa escala de valores. Na construção de uma aula em que o destinatário desse tutorial ocupa, muitas vezes, ele mesmo o papel de professor, não pode passar despercebida essa opção por explicitar essa atribuição de valores aos atores do processo. Uma segunda interpretação possível atribuiria ao professor o papel mais difícil, de colocar-se às margens do processo de aprendizagem, como condutor, e dar a centralidade ao aluno, qualidade que requereria um professor experiente, hábil e que não estivesse colocado em seu papel habitual, o que mostraria um valor eufórico construído por essa estratégia discursiva. No entanto, a escolha lexical desse pequeno quadro nos faz tender mais à primeira interpretação, a dos valores negativos atribuídos ao professor, pois esse quadro é composto de três orações, relativamente curtas, sendo que duas das três têm “professor” como sujeito e todas contêm “aluno” como objeto – em nenhum momento há uma substituição de aluno por um pronome ou por outro termo que servisse como um anafórico, produzindo um sentido de ênfase, o que dá importância à informação, mas também dando a impressão de subestimar a capacidade de compreensão do destinatário daquela comunicação. E se é pelas sutilezas da linguagem que observamos a ideologia que permeia o discurso, observa-se, nesse pequeno trecho, nas estratégias discursivas, uma escolha que coloca o destinatário – o professor que irá criar e compartilhar um plano de aula – em uma posição de menor capacidade. Também se observa com clareza a associação do professor a uma posição periférica e a do aluno a uma central, o que não seria mau, pois é o que colocam as pedagogias de construção do saber, se não fosse essa posição periférica uma diminuição que leva, no limite, ao quase apagamento. Essa posição em que se coloca o professor dialoga com um discurso do senso comum infelizmente bastante difundido de que o professor vale muito menos do que o aluno – ele “apenas” orienta. Em nosso entendimento, trata-se de valores diferentes, não passíveis de serem comparados em uma mesma escala e construções desse tipo corroboram o senso comum vigente.

As cinco páginas seguintes do tutorial, ainda nessa seção Estratégias e Recursos da Aula, são dedicadas a mostrar como funciona a barra de ferramentas de formatação de texto, como se inserem *links* de outros sites, mídias que farão parte da aula ou fotos e figuras, ou seja, constituem uma parte do tutorial que explica como operacionalizar a parte de tecnologia da informação e a formatação da aula para publicação no meio digital. Trata-se de um espaço grande (cinco páginas) dedicado a esse assunto, o que evidencia sua importância na constituição da aula desejada pelo MEC – uma aula cujo conteúdo associado à tecnologia de informação e às mídias digitais esteja muito presente. Esse longo espaço dedicado ao assunto também é justificado por ser ele uma novidade (em 2008, ano de início das atividades do Portal) e por constituir para o professor um *dever fazer*. De fato, todos os planos de aula analisados e observados colocam, de algum modo, o uso de alguma tecnologia⁸.

A seção seguinte, e última seção do tutorial e do plano de aula que se constrói, é a Avaliação. Nessa seção, há dois textos curtos, um na parte superior da tela, onde são dadas as instruções, e outro na parte inferior, onde há a figura que reproduz a tela na qual será inserida a avaliação quando se fizer a aula, conforme mostra a figura 3.

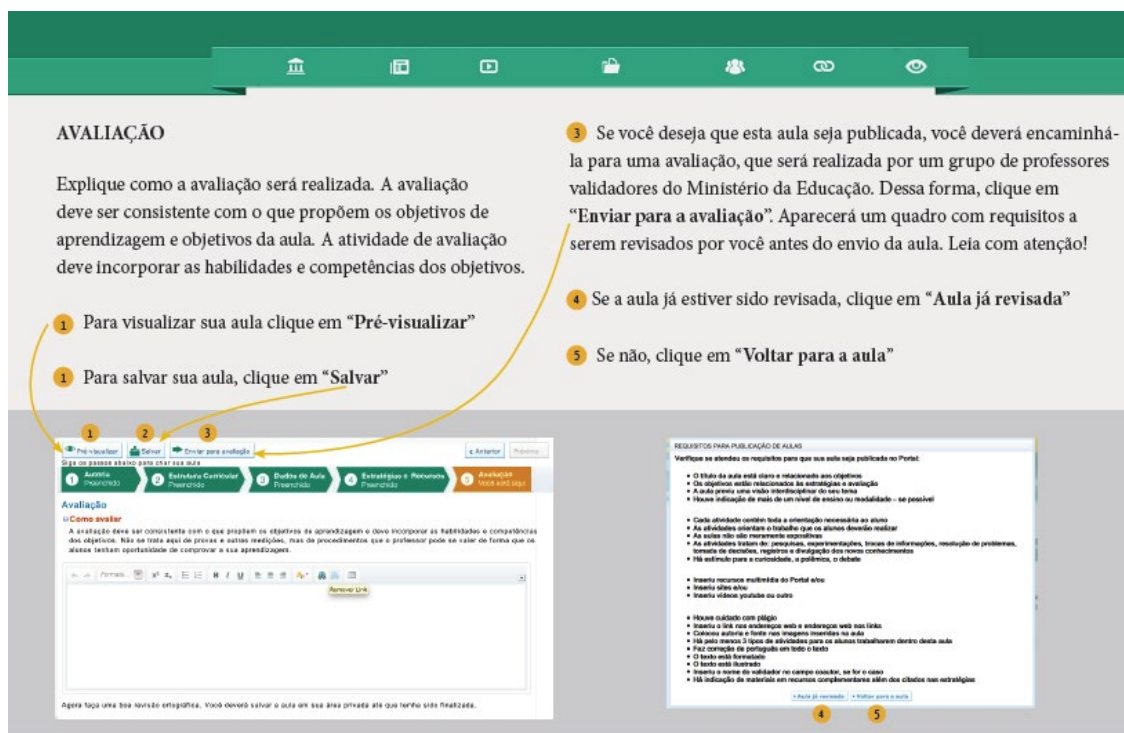


Figura 3 - Seção Avaliação, no Tutorial de Como criar uma aula.

O texto da parte superior diz:

Avaliação:

Explique como a avaliação será realizada. A avaliação deve ser consistente com o que propõem os objetivos de aprendizagem e objetivos da aula.

8. O uso da tecnologia foi analisado por nós em nossa tese (NORONHA, 2020) e também em artigo publicado na revista Estudos Semióticos (NORONHA, 2019).

A atividade de avaliação deve incorporar as habilidades e competências dos objetivos.

Na parte inferior, repete-se a segunda frase enunciada acima e completa-se:

Não se trata aqui de provas ou outras medições, mas de procedimentos de que o professor pode se valer de forma que os alunos tenham oportunidade de comprovar a sua aprendizagem.

Nota-se aqui a dupla utilização do “dever”, ligado à avaliação. “Deve ser consistente” e “deve incorporar habilidades e competências dos objetivos”. Esse pedido de consistência liga-se aos objetivos, tanto os de aprendizagem quanto os da aula, e o fato de ser repetido, no texto da parte superior e no da parte inferior, evidencia a importância que lhe é dada no todo da solicitação. Para o que seja a avaliação, no texto de cima, fala-se em “atividade de avaliação”, no de baixo, em “procedimentos”, esclarecendo não se tratar de provas ou outras medições; ainda, ao final do segundo texto (parte inferior da página), a avaliação é enunciada como “a oportunidade de comprovar a sua aprendizagem [do aluno]”. Essa ligação estabelecida e reiterada entre avaliação e objetivos remete ao que é solicitado nos PCN e evidencia na aula a característica de um processo que se completa, pois tem sua etapa final ligada a seu início. O espaço dedicado à avaliação, no entanto, é muito menor do que o dedicado às demais partes da aula – um parágrafo na parte superior da página, outro na parte inferior, enquanto para as outras partes há uma página inteira. Isso nos leva a crer que a importância atribuída a ela seja menor do que às outras partes que foram alvo de explicações mais extensas. Tudo o que se fala sobre essa parte da aula é o que está reproduzido nesse texto. O restante dessa página do tutorial, a parte superior, destina-se a ensinar como finalizar a aula, salvá-la e revisá-la para que seja enviada “para um grupo de professores validadores do Ministério da Educação”.

Essa falta de espaço e, conseqüentemente, de importância, atribuída à avaliação no plano de aula está refletida em grande parte dos planos analisados como *corpus* de nossa tese, que dedicam a ela poucas linhas, de modo bastante genérico. Para nós, trata-se de uma grande falha no fechamento da aula, pois quando não se avalia, não se pode atestar o quanto do que foi ensinado foi aprendido ou, ao menos, apreendido pelos alunos. Se a centralidade é o aluno e seu aprendizado, o professor precisa ser capaz de enxergar melhor e, de algum modo, medir esse aprendizado. Há mesmo, contemporaneamente, metodologias de ensino que propõem que a avaliação seja pensada e planejada antes mesmo das atividades, para que elas estejam intrinsecamente ligadas aos objetivos da aula e que as atividades a serem propostas serão decorrentes do ponto onde se quer chegar, que estará explícito na avaliação⁹.

Na parte inferior dessa página, à direita, aparece um guia de revisão, que contém as mesmas proposições do guia para aprovação da aula, que analisamos no início deste item. A diferença é que, aqui, os verbos, onde possível, estão no passado “Verifique se **atendeu** os requisitos para que sua aula seja publicada no Portal” (grifo nosso). Ao final, o que se nota é a mistura, em uma mesma página, da avaliação da aula contida no plano de

9. Vimos essa concepção de planejamento quando trabalhávamos em um colégio da zona sul de São Paulo, em 2016, trazida por colegas recém-chegados dos EUA. Trata-se do livro de WIGGINS, Grant P. *Understanding by Design*. Expanded 2nd. ed. 2005.

aula com a avaliação do plano de aula pelo MEC, para sua aprovação. O mesmo lexema, avaliação, aparece utilizado para ambos os casos.

De um modo geral, o Tutorial para criar uma aula e publicá-la no Portal do Professor apresenta-se como um passo a passo não apenas para mostrar como preencher os campos que farão a aula tomar um formato apropriado para sua publicação, com a inserção de informações pertinentes e de uso dos recursos multimídia, mostrando quais opções escolher e preencher, mas também como um guia de como deve ser uma aula que seja aprovada para publicação. A aula aprovada representa o que podemos chamar de “boa aula”, no entendimento do Portal (e, conseqüentemente, do Ministério da Educação). Isso nos ajuda a definir aquele que, em nossa hipótese, é o objeto valor buscado pelo sujeito professor que procura o Portal.

5. A “boa aula” construída pelo Tutorial

A partir do tutorial analisado, têm-se algumas indicações do que constitua essa “boa aula”. Para o Portal (e, portanto, para o MEC), trata-se de uma aula bem estruturada e bem organizada, que estabelece objetivos claros, descreve explicitamente as atividades e utiliza recursos de mídias digitais. Os objetivos ligam-se ao título, as atividades e a avaliação ligam-se aos objetivos, ou seja, as partes da aula inter-relacionam-se formando um conjunto coerente. O professor apresenta-se como um sujeito criativo e inovador e a aula que ele desenvolve relaciona o novo, que está sendo apresentado ao aluno, ao conhecido, ligado ao cotidiano desses discentes. O aluno é ativo e constitui o centro do processo, ele deve trabalhar, debater, polemizar, resolver problemas. A aula solicitada pelo Portal dialoga claramente com os PCN, que eram os parâmetros de ensino para a época e que também prescrevem todas as qualidades que acabamos de enunciar. Dialoga também com a concepção de educação que adotamos para nosso trabalho, proposta pelos professores canadenses Gauthier e Tardiff (2014), para quem a educação é essa continuação da sociedade por meio da junção do velho com o novo, apresentando o que existe e criando o novo com o educando¹⁰. O uso das tecnologias digitais dá à aula a roupagem adequada ao século XXI, enquanto a coerência solicitada por ela, traduzida em estrutura e organização, é atemporal. Para o Portal do Professor, essa aula deveria conter algo de novidade do uso da tecnologia, instrumentalizando o professor para dela poder fazer uso, colocando-se esse uso como um valor.

Esse tutorial constrói em seu destinatário uma imagem do autor da aula como aquele que irá possibilitar aos professores darem melhores aulas: a aula que esse destinatário (do tutorial) concebe, organiza e publica servirá para tornar as aulas dos professores mais atraentes, mais atuais, mais criativas, mais organizadas, em suma, melhores. O futuro autor da aula será um destinador que dará ao seu destinatário, o professor executor da aula, a competência de criar essa aula.

10. Essa concepção de educação também se liga estreitamente ao que Hannah Arendt (2014 [1954]) entende como incumbência da educação, o papel de preparar o sujeito para o novo mundo que se renova a cada geração e, ao mesmo tempo, preservar o mundo anterior existente, apresentando-o ao aprendiz.

6. Sobre a presença da tecnologia na “boa aula”, mais algumas considerações

A boa aula que emerge do tutorial nos possibilita verificar, em alguma medida, a concepção do Ministério da Educação de boa aula no final da década de 2000 e início da década seguinte. Uma das primeiras questões que chamou nossa atenção foi a colocação dos recursos tecnológicos ao lado de planejamento didático e atividades, em um mesmo nível de importância. Depois de apenas treze anos, é curioso verificar o quanto houve de avanço na tecnologia disponível e seu uso, não apenas na educação, mas na vida cotidiana, a partir de então. Esse uso não pode ao menos ser comparado com o que se tinha prescrito ou desejado em 2008, quando se lançou o Portal e se concebeu os textos que analisamos. Entretanto, embora o uso da tecnologia tenha se modificado muito, tornando o acesso à internet mais presente e comum, os valores da aula que observamos são valores que se colocam como mais perenes. Organização, criatividade, atualidade, atratividade da aula, coerência entre objetivos, atividades e avaliação, centralidade no aluno: todos esses predicados permanecem como desejáveis, ainda que possam mostrar-se em nova ou diferente roupagem.

É possível que na medida em que o uso da tecnologia na educação se vulgarize, o valor que se atribua a ele passe por uma diminuição na intensidade da recomendação de sua inclusão nas aulas, uma vez que, ao estar cada vez mais inserido no cotidiano do aluno e do professor, ele deixe de ser um diferencial e passe a ser simplesmente considerado como parte da aula. Não acreditamos que já tenhamos chegado a esse ponto, mas que se caminhe para ele. Tome-se como exemplo o ensino remoto online durante a pandemia que ora atravessamos, para aqueles que têm pleno acesso às tecnologias digitais. O uso da tecnologia, nesse caso, é parte integrante da aula e pode mesmo chegar a diluir-se nela, para que o professor seja capaz de fazer o aluno esquecer-se de que se comunicam por meio digital em vez de presencialmente. Trata-se de uma hipótese que carece de ser comprovada por meio de análises de planos de aula feitos nesse / para esse período, mas que faz sentido quando se observa o quanto as tecnologias digitais, de uma maneira geral, mostram estar em processo de misturarem-se ao cotidiano ao ponto de quererem parecer quase imperceptíveis.

7. Referências

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. [1954] São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARROS, Diana. **Teoria do Discurso. Fundamentos Semióticos**. 3a ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP, 2001.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2002.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice (orgs.). **A pedagogia**. Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien. COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. [1979] São Paulo: Cultrix, s/d.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o Sentido II**. Ensaio semiótico. [1980] Tradução de Dilson F. da Cruz. São Paulo: Nakin: Edusp, 2014.

NORONHA, Ana Carolina Cortez. Considerações semióticas sobre o uso da tecnologia digital em sala de aula. **Estudos Semióticos**. Vol. 15, n. 2, dezembro de 2019.

NORONHA, Ana Carolina Cortez. **Semiótica, educação e o uso da tecnologia digital em sala de aula**. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, dezembro de 2020.